

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA PROMOVER O ENGAJAMENTO E A DISCIPLINA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

GT 12 – FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Relato de experiência

Helder Fernando Canavarros da GUIA (Docente da Rede Estadual de Cuiabá/Mato Grosso)

helder.gui@edu.mt.gov.br

1 Introdução

Este relato de experiência compartilha minha trajetória como professor de Língua Portuguesa na Escola Estadual Gustavo Kulmann, em Cuiabá-MT, onde leciono para os 6º e 7º anos do Ensino Fundamental. Ao longo dessa jornada, enfrentei desafios significativos, especialmente no que diz respeito à indisciplina e ao desinteresse dos alunos. Esses obstáculos exigem não apenas paciência, mas também uma constante reinvenção das práticas pedagógicas.

É alarmante perceber o desinteresse de muitos jovens pela educação, considerando seu papel transformador. Apesar dos esforços diários para criar um ambiente de aprendizagem envolvente, a participação dos estudantes ainda está aquém do esperado, o que me leva a refletir continuamente sobre as razões desse descompasso e, sobretudo, a buscar estratégias para resgatar o engajamento deles.

Este trabalho visa compartilhar as metodologias e estratégias desenvolvidas nesse processo. Mais do que um relato técnico, propõe uma reflexão crítica e pessoal sobre a experiência de lecionar em uma escola pública da periferia, onde o contexto social e as limitações estruturais tornam o ensino um desafio constante, mas também uma oportunidade de transformação.

2 Formação Docente e Adaptação às Realidades Locais

A formação docente é crucial para o sucesso em sala de aula, sobretudo em cenários desafiadores como o da Escola Estadual Gustavo Kulmann. A

Realização



capacitação contínua e o desenvolvimento profissional tornaram-se aliados indispensáveis na busca por estratégias adequadas à realidade dos meus alunos. Embora minha formação inicial tenha sido importante para construir uma base sólida, foi no cotidiano da escola, por meio da prática e da vivência, que aprendi a adaptar e inovar.

Ao longo dos anos, participei de cursos voltados para a gestão de sala de aula, metodologias ativas e educação inclusiva, os quais foram essenciais para enfrentar os desafios de maneira mais consciente. Essas formações trouxeram não apenas novas ferramentas, mas também um olhar mais atento para as particularidades de cada aluno. A formação continuada tem sido uma peça fundamental para contextualizar o conteúdo de forma humana e respeitosa, considerando as limitações e potencialidades de cada estudante.

A adoção de abordagens além do ensino tradicional, por meio de debates, atividades colaborativas e estratégias que promovem a participação ativa, visa criar um ambiente no qual o conhecimento faça sentido e se conecte ao mundo dos alunos. Essa postura contribui para uma educação mais inclusiva e significativa. A reflexão sobre a prática docente é central para o desenvolvimento profissional. Como afirmam Tardif e Moscoso (2018), “a reflexão unida diretamente à ação que a sustenta é uma das fontes mais importantes de aprendizagem profissional” (p. 392).

3 Procedimentos Metodológicos de Ensino

Frente à indisciplina e ao desinteresse dos alunos, ficou evidente que era necessário repensar as práticas pedagógicas tradicionais. O modelo de ensino em que o professor é o centro e os alunos meros receptores passivos já não fazia sentido em um contexto em que muitos estudantes não viam uma conexão entre o que aprendiam na escola e suas realidades.

Com isso, comecei a transformar as aulas, trazendo mais interatividade e colocando os alunos como protagonistas do processo de aprendizagem.

“Temos que agir – refletir e só então agir novamente para que consigamos realmente formar cidadãos críticos. O aluno precisa perceber que a língua falada por ele é a mesma ensinada na escola,

temos que ir além da gramática e do certo e errado, desmistificando que a Língua Portuguesa é chata e difícil" (PAZ, 2012).

Percebi que atividades como debates e discussões em grupo despertavam o interesse dos alunos de forma espontânea, especialmente quando o conteúdo se conectava às suas vivências diárias. Ao tratar de temas de gramática ou literatura, passei a incluir questões sobre a linguagem das redes sociais, gírias e o impacto da mídia na comunicação. Essa aproximação entre o conteúdo acadêmico e a realidade cotidiana dos alunos facilitou a compreensão e ressignificou o aprendizado.

Além disso, incorporei atividades que explorassem a criatividade e a comunicação, como rodas de conversa, debates e simulações. Essas dinâmicas criaram um ambiente seguro para que os alunos pudessem expressar suas opiniões e refletir sobre questões importantes, como o papel da mídia na linguagem e a diversidade cultural. Ao trabalhar em grupo na criação de histórias, vídeos ou podcasts, os estudantes desenvolveram habilidades de cooperação e ganharam confiança para se expressar.

Também diversifiquei o uso de gêneros textuais, promovendo atividades que envolviam a produção de notícias verdadeiras e falsas, a fim de estimular uma consciência crítica em relação à informação. Apesar das limitações tecnológicas, a introdução de ferramentas digitais, como vídeos, áudios e atividades multimodais, gerou resultados muito positivos. Plataformas interativas, como Kahoot e Quizizz, tornaram a revisão de conteúdo mais divertida e envolvente.

Percebi ainda o potencial da gamificação para engajar os alunos. Atividades lúdicas, como Escola Games, não só despertaram o interesse, mas também promoveram o desenvolvimento de habilidades cognitivas, como resolução de problemas e pensamento lógico. Embora parecessem brincadeiras, essas atividades exigiram participação ativa e colaborativa, aplicando de forma prática o que haviam aprendido.

Essas transformações metodológicas me levaram a refletir mais profundamente sobre o papel do professor e da escola nos dias de hoje. A sala de aula deve ser um espaço de construção colaborativa, onde o professor atua como mediador, incentivando a curiosidade e a autonomia dos alunos. As metodologias

ativas que adotei mostraram que, mesmo em um contexto adverso, uma educação contextualizada e participativa pode reconectar os alunos ao desejo de aprender.

4 Procedimentos de Aprendizagem

Engajar os alunos em um aprendizado significativo é um desafio constante, especialmente diante da indisciplina e da falta de interesse. Para enfrentar essa questão, explorei abordagens que incentivam a colaboração, a autonomia e a participação ativa.

A implementação da aprendizagem colaborativa foi um passo importante. Organizei os alunos em grupos diversos, criando um ambiente de troca e cooperação, onde todos pudessem contribuir e aprender uns com os outros. Isso fortaleceu o respeito e a empatia entre eles, transformando a sala de aula em um espaço de apoio mútuo.

Adotei também o feedback contínuo, substituindo o retorno apenas após avaliações formais. O feedback imediato e construtivo ajudou os alunos a perceber seus avanços e pontos de melhoria em tempo real, promovendo uma relação de confiança e incentivando um ambiente de orientação e crescimento.

Outra mudança significativa foi a promoção da autonomia dos alunos. Estimulei-os a refletir sobre o que aprenderam e a aplicar esse conhecimento, introduzindo a autoavaliação ao final de cada atividade. Isso desenvolveu um senso crítico e valorizou a autonomia, tornando-os participantes ativos no processo de aprendizagem.

Essas práticas revelaram uma visão mais colaborativa e centrada no aluno, rompendo com a ideia de que o professor é o único detentor do saber. Enxergar a educação como uma construção coletiva aponta para uma abordagem mais justa, inclusiva e transformadora, mesmo diante dos desafios.

5 Procedimentos de Avaliação

A avaliação sempre foi um pilar essencial da prática docente, especialmente ao trabalhar com turmas do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental. Com o tempo,

Realização

percebi que os métodos tradicionais de avaliação, centrados em provas escritas, não refletiam o progresso real dos alunos. Essa constatação levou a uma reflexão sobre o papel da avaliação na aprendizagem, revelando a necessidade de transformá-la em uma ferramenta que promova o desenvolvimento integral e a autorreflexão.

Para transformar a avaliação, comecei a utilizar práticas formativas ao longo do processo de ensino. Em vez de focar apenas em provas finais, essas avaliações permitiram identificar as necessidades individuais dos alunos e ajustar as atividades conforme necessário. A autoavaliação foi uma adição importante, dando aos estudantes a oportunidade de refletirem criticamente sobre seu próprio progresso. Isso incentivou maior responsabilidade e autonomia.

Diversificar os instrumentos avaliativos foi outra mudança significativa. Ao ampliar as formas de expressão do aprendizado, com apresentações orais, portfólios, produções criativas e projetos colaborativos, tornei o processo avaliativo mais inclusivo e representativo do aprendizado real, respeitando os diferentes estilos de aprendizagem presentes na sala de aula.

A reflexão sobre a avaliação nos leva a entender mais profundamente o papel do professor e da escola. Se a escola deve promover a formação integral, a avaliação não pode se limitar à mensuração de resultados. Ela deve ser um processo contínuo que sirva tanto ao professor, ao ajustar suas práticas, quanto ao aluno, tornando-o um sujeito ativo e responsável por sua própria aprendizagem. A avaliação deve ser um diálogo constante, um momento de reflexão e construção conjunta, que vá além da atribuição de notas e valorize verdadeiramente o processo educativo. Como afirmam Rêgo e Lima (2010), a avaliação “deve ser um meio para professor e aluno caminharem rumo aos objetivos, considerando o progresso e o percurso em relação ao que já aprendeu e o que falta aprender” (p. 41).

6 Considerações Finais

O desafio de manter os alunos engajados e protagonistas de sua própria formação educacional é contínuo e exige uma constante atualização das

Realização

metodologias por parte do professor. Em uma escola pública como a Escola Estadual Gustavo Kulmann, esse desafio se torna ainda mais evidente. As estratégias e abordagens adotadas demonstram que, para transformar o ambiente escolar e promover uma educação que valorize a participação ativa e a autonomia dos alunos, é essencial que o educador se mantenha atualizado e adaptável.

Refletir sobre minha prática docente e a realidade educacional na periferia de Cuiabá destacou a importância de uma educação contextualizada e inclusiva. Como afirma Freire (1996),

“todo ensino de conteúdos demanda de quem se acha na posição de aprendiz que, a partir de certo momento, vá assumindo a autoria também do conhecimento do objeto. O professor autoritário, que recusa escutar os alunos, se fecha a esta aventura criadora”.

A formação continuada e a adaptação das práticas pedagógicas são vitais para enfrentar os desafios e oferecer um ensino mais relevante e significativo. A experiência prática revela que a educação deve ser um processo colaborativo e dialógico, no qual professores e alunos são coautores do conhecimento.

Este relato busca fornecer uma visão crítica da prática docente em contextos desafiadores, destacando a necessidade de atualização contínua das metodologias de ensino para manter o engajamento e o protagonismo dos alunos. Transformar a sala de aula em um espaço de aprendizado participativo e significativo é essencial para superar os obstáculos e promover uma educação mais justa e equitativa.

Referências

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- PAZ, A. P. P. **LÍNGUA PORTUGUESA ALÉM DA GRAMÁTICA**. 2012. Trabalho de Graduação (Curso de LED 0074) - Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI), Indaiá, 2012.
- RÊGO, Luciane Borges do; LIMA, Maria Vitória Ribas de Oliveira. **Didática**. Recife: UPE, 2010.
- TARDIF, Maurice; MOSCOSO, Javier Nunez. **A noção de "profissional reflexivo" na educação: atualidade, usos e limites**. Tradução de: Cláudia Schilling. Cadernos de Pesquisa, v. 48, n. 168, 1 p. 388-411, abr. 2018.